Historias da Ave Azul e do Anão Amarello

Porto

1890

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCl00047.05

Control Number: BGO-3252
OCLC Number : 25162819
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 5
Title : Historias da Ave Azul e do Anão Amarello.
Imprint : Porto : Luiz Rodrigues da Cruz Coutinho, 1890.
Format : 16 p. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/28/94
Camera Operator: RT

LIVRARIA DO POVO

N.º 24.

HISTORIAS
DA
AVE AZUL
E DO
ANÃO AMARELLO.



PORTO.
LIVRARIA ESCOLAR-RELIGIOSA
DE
LUIZ RODRIGUES DA CRUZ COUTINHO.
18, Rua dos Caldeireiros, 20.

1890.

HISTORIA DA AVE AZUL.

Era uma vez um rei muito rico, a quem a morte da esposa adorada deixou inconsolavel. Encerrou-se oito dias inteiros n'um gabinete, onde batia com a cabeça contra as paredes: foi preciso collocarem-lhe almofadas entre as tapeçarias, para que não lhe succedesse algum desastre. Todos os seus vassallos resolveram ir vêl-o e dar-lhe as consolações mais proprias para desfazer aquella tristeza; mas todas as suas palavras nenhuma impressão fizeram no espirito do rei; este, mal ouvia o que lhe diziam. Apresentou-se-lhe emfim uma mulher toda vestida de negro, coberta por um longo véo, que chorava e soluçava d'um modo tal que o deixou surprehendido.

Recebeu-a melhor do que aos outros, e conversaram tanto e tanto que já não tinham palavras a respeito da sua mutua dôr. Quando a esbelta viuva, — porque ella chorava, dizia, o melhor dos maridos—viu o assumpto quasi esgotado, levantou o véo, e o rei afflicto examinou admirado aquella mulher afflicta, que movia muito a proposito dois grandes olhos azues, velados de longas pestanas negras; a côr do seu rosto era cheia de frescura. O rei tornou a examinal-a com mais attenção; pouco a pouco, ia fallando menos de sua mulher, depois nunca mais fallou d'ella. Concluindo, causou grande pasmo o seu casamento com a viuva.

O rei só tivera do seu primeiro casamento uma filha chamada Florina, que passava pela oitava maravilha do mundo. Tinha quinze annos quando o rei contrahiu segundas nupcias.

A nova rainha mandou buscuar sua filha, que fôra educada em casa de sua madrinha a fada Soussio, mas que nem por isso era graciosa ou bella: chamavam-lhe Truta, porque o seu rosto tinha tantas sardas como uma truta; os seus cabellos negros eram grossos e crespos, e a sua pelle amarellenta distillava azeite. A rainha amava-a com loucura; e, como Florina tinha todas as vantagens sobre a outra princeza, empregava os meios ao seu alcance para indispol-a com o rei.

O rei disse um dia á rainha que Florina e Truta estavam em idade de casar. — Eu desejo, aventou a rainha, que minha filha seja a primeira a contrahir matrimonio. O rei deu logo o seu consentimento.

Algum tempo depois, soube-se que o rei Encantador devia chegar á côrte. Nunca principe algum levou tão longe a sua galanteria e a sua magnificencia. Quando a rainha soube esta noticia, empregou todos os bordadores, todos os alfaiates, todos os ourives a trabalhar para a princeza Truta; pediu ao rei que não désse a Florina vestidos novos: e, tendo comprado as suas creadas, mandou-lhe roubar todos os vestidos, todos os enfeites, todos os adereços, no proprio dia da chegada do rei Encantador, de modo que, quando a linda princeza quiz preparar-se, não encontrou sequer uma fita. Ficou só com uma saia muito suja, e foi tanta a sua vergonha, que se occultou a um canto da sala, quando o rei Encantador appareceu.

A rainha recebeu-o com grande ceremonial e apresentou-lhe sua filha. O rei desviou os olhos; perguntou se não havia ainda uma outra princeza chamada Florina. — Sim, respondeu a Truta, mostrando-lh'a com o dedo; eil-a, que se esconde, tão rota e suja está. Mas Florina corou, e tornou-se assim tão bella, que o rei Encantador ficou deslumbrado. Ergueu-se promptamente e fez á princeza um rasgado cumprimento. — Senhora, disse-lhe, a vossa incomparavel belleza abonava-vos demasiado, para que necessiteis soccorrer-vos d'outros enfeites.

— Senhor, replicou ella, confesso-vos que estou pouco acostumada a usar um trajo tão indecoroso como este; e dar-me-ieis ventura, não reparando em mim.

— Seria impossivel, exclamou Encantador, que, onde estivesse uma tão maravilhosa princeza, alguem olhasse para outra que não fosse ella.

E desde esse momento o rei estrangeiro só se occupou de Florina.

A rainha e Truta queixaram-se ao rei, obrigando-o a consentir em que, durante a permanencia de Encantador, fosse Florina encerrada n'uma torre. Com effeito, logo que ella voltou aos seus aposentos, quatro homens mascarados levaram-a para uma torre muito alta.

Como Encantador não conhecia as violencias feitas á princeza, esperava a hora de tornar a vêl-a, com mil impaciencias. Quiz fallar d'ella ás pessoas que o rei collocára ao seu serviço; mas, por ordem da rainha, elles disseram-lhe que Florina era uma leviana, de mau humor, que atormentava os seus amigos e os seus creados, que não podia ser mais indecente, e que a dominava uma desmedida avareza. Durante a narração, Encantador sentia-se preso d'uma cólera que lhe era difficil moderar.

— Não, dizia comsigo, é impossivel que o céo désse uma alma tão feia a uma obra prima da natureza.

Emquanto elle assim raciocinava, um cortezão mais astuto que os outros, para conhecer os sentimentos do principe, começou a dizer maravilhas da princeza. A alegria espalhou-se immediatamente no rosto do rei.

A pobre princeza, emquanto isto se passava, estava estendida por terra no torreão do terrivel castello, para onde a tinham levado os homens mascarados.

— Seria menos infeliz, dizia, se me tivessem encerrado aqui antes de eu ter visto aquelle amavel rei: a impressão que elle me causou, augmenta cada vez mais as minhas penas. E' sem duvida para impedir-me de tornar a vêl-o, que a rainha tão cruelmente me trata. A rainha, que queria captivar o rei Encantador com os testimunhos que podésse dar-lhe da sua delicadeza, enviou-lhe trajos d'uma riqueza e magnificencia sem iguaes, e a ordem dos cavalleiros do Amor, que ella forçára o rei a instituir no dia do seu casamento. Apresentaram-lhe ao mesmo tempo um livro cujas folhas eram de papel velino, com miniaturas admiraveis, e no qual estavam os estatutos dos cavalleiros do Amor escriptos em estylo terno e galante. Disseram ao rei que a princeza que elle tinha visto lhe rogava que fosse o seu cavalleiro, e que lhe mandava aquelle presente.

— Que?! a bella princeza Florina?! exclamou elle.

— Senhor, lhe responderam, enganaes-vos; vimos da parte da formosa Truta.

— E' Truta que me quer para seu cavalleiro? interrogou com ar frio e secco o rei Encantador. Não posso acceitar tamanha honra.

E collocou immediatamente o livro no mesmo açafate; depois recambiou tudo á rainha, que, como sua filha, julgou morrer de raiva.

Logo que elle pôde visitar o rei e a rainha, dirigiu-se aos seus aposentos. Esperava encontrar Florina; olhava para todos os lados, procurando-a com a vista. Emfim perguntou onde estava a princeza Florina.

— Senhor, disse-lhe altivamente a rainha, o rei, seu pae, prohibiu-lhe que sahisse até ao casamento de minha filha.

— E por que motivo, repoz o rei, se tem prisioneira a bella princeza?

— Ignoro, disse a rainha.

O rei sentia-se temivelmente encolerisado: lançou para Truta um olhar obliquo e retirou-se a toda a pressa.

Quando voltou ao seu quarto, disse a um joven principe, que o acompanhava e de quem era amigo, — que subornasse uma das creadas da princeza, para que elle podesse fallar-lhe. O principe encontrou uma das damas do palacio, que lhe assegurou que, n'aquella mesma noite, Florina appareceria a uma pequena janella que dava sobre o jardim. O principe correu a participar ao rei a hora da entrevista, emquanto a perfida confidente ia advertir a rainha, que resolveu mandar sua filha para a janella.

A noite estava tão escura que se tornava impossivel ao rei descobrir o embuste; de modo que se approximou das janellas com inexprimiveis transportes d'alegria. Disse a Truta o mesmo que teria dito a Florina, para persuadil-a da sua paixão, e, tirando um annel do seu dedo e mettendo-o no dedo de Truta, ajuntou que era um penhor eterno da sua fé, e que ella tinha só que designar a hora da partida. Truta respondeu o melhor que pôde áquelles arrebatamentos. Via-se bem que ella nada dizia em termos, o que seria descoberto pelo principe, se elle não estivesse persuadido de que o temor de ser surprehendida pela rainha, coarctava a Florina a liberdade do seu espirito: só a deixou com a condição de voltar no dia seguinte á mesma hora.

A rainha, apenas soube do successo da entrevista, concebeu lisonjeiras esperanças.

Com effeito, marcado o dia, o rei veio buscar a princeza n'um carro volante puchado a rãs aladas. Um seu amigo feiticeiro déra-lhe este presente. A noite era muito escura; Truta sahiu mysteriosamente; o rei recebeu-a nos braços, e jurou-lhe cem vezes uma fidelidade eterna. Mas, como não tinha paciencia de voar muito tempo no seu carro alado sem desposar a princeza, perguntou-lhe onde queria que se realisasse o casamento. Ella disse-lhe que tinha por madrinha uma fada muito celebre chamada Soussio, e que era d'opinião que fossem para o seu castello. O principe ordenou ás rãs que os levassem para lá, e pouco tempo depois, chegaram á residencia da fada Soussio.

O castello estava tão profusamente illuminado, que, sahindo do carro, o rei conheceria o seu erro, se a princeza não tivesse descido o véo com o maior cuidado. Ella contou a sua madrinha o modo como enganára Encantador, e pediu-lhe que o serenasse.

— Ah! minha filha, disse a fada, a cousa não é nada facil; elle ama demasiado Florina.

Entretanto, o rei esperava-as n'uma sala, cujas hdredes eram de diamantes tão claros e perfeitos, que viu atravez d'ellas conversarem as duas, Soussio e Truta. Parecia-lhe um sonho.

— Quê! dizia. Fui trahido? Os demonios protegem a inimiga do nosso repouso?

Ellas entraram em seguida na sala, e Soussio disse-lhe n'um tom imperioso:

— Rei Encantador, eis aqui a princeza Truta a quem jurastes fidelidade; é minha afilhada, e desejo que a desposeis immediatamente.

— Eu! exclamou o rei. Eu! desposar este monstro! Restitui-me a princeza!

— Não sou eu acaso a princeza, perjuro? disse Truta, mostrando-lhe o annel. A quem déste o annel como penhor da tua fidelidade?

— Como? replicou elle. Pois fui illudido e ludibriado? Vamos, vamos, minhas rãs, quero partir sem demora.

— Isso não está na vossa mão, disse Soussio.

Ella tocou-o, e os pés do rei ligaram-se ao soalho, como se os tivessem alli pregados.

— Podeis apedrejar-me, disse, que eu nunca hei-de pertencer a outra que não seja Florina.

Passaram assim vinte dias e vinte noites, sem que Soussio e Truta deixassem de fallar, de gritar, de ameaçar. Emfim Soussio disse ao rei:

— Escolhei; ou estar sete annos de penitencia, ou desposar minha afilhada.

— Fazei de mim o que quizerdes, exclamou o rei; mas livrae-me d'essa delambida.

— Delambido sois vós, gritou raivosamente Truta. Sois um reisinho muito ridiculo, com a vossa equipagem pantanosa, vindo até ao meu paiz insultar-me e faltar aos vossos juramentos.

— Commoventes censuras, replicou o rei. Com effeito, faço uma grande tolice não desposando tão bella mulher!

— Não, não; exclamou encolerisada Soussio. Não tem mais do que voar por essa janella, se quizeres; porque serás sete annos a Ave Azul.

Ao mesmo tempo o rei ficou metamorphoseado em ave. Soltou um grito doloroso, e ergueu um largo vôo para fugir do funesto palacio de Soussio.

Na melancolia que o acabrunha, esvoaça de ramo em ramo, e só escolhe as arvores consagradas ao amor ou á tristeza, umas vezes os myrtos, outras os cyprestes; canta arias dolentes, em que deplora o destino de Florina e o seu.

Pela sua parte, a fada Soussio mandou a Truta á rainha, que, sabendo tudo o que acontecêra, subiu á torre com sua filha, a quem dera os mais ricos vestidos: ella ostentava uma corôa de diamantes na cabeça, e tres filas dos mais ricos barões do Estado levavam a cauda do seu regio manto; ella tinha no dedo o annel do rei Encantador, que Florina notou quando fallaram pela primeira vez. A princeza ficou extremamente surprehendida por vêr a Truta com tanto apparato.

— Eis minha filha que vem mostrar-vos os seus presentes de noivado, disse a rainha; o rei Encantador desposou-a.

E espalharam diante da princeza estôfos d'ouro e de prata, pedrarias, rendas e anneis. A princeza Florina, não podendo já duvidar da sua desgraça, desmaiou, e a cruel rainha, contente do seu triumpho, não consentiu que a soccorressem; deixou-a abandonada no mais deploravel estado.

Comtudo, o rei Encantador, ou, para melhor dizer, a bella Ave Azul, não cessava d'esvoaçar em volta do palacio; julgava que a sua querida princeza devia estar alli encerrada; aproximava-se da janella o mais que podia, para examinar os aposentos.

Havia defronte da janella a que Florina se encostava, um cypreste d'uma altura prodigiosa, onde foi empoleirar-se a Ave Azul. Mal que poisou, ouviu os queixumes d'uma pessoa. — Soffrerei por mais tempo? dizia ella. Não te baste fazer-me testemunha da ventura que tua indigna filha gosa com o rei Encantador? A Ave Azul ouvia; quanto mais ouvia, mais persuadida ficava de que era a sua amada princeza quem se lastimava. Disse-lhe: — Adoravel Florina, não são irremediaveis os vossos males. — Quem me falla? exclamou ella, d'um modo tão consolador? — Um rei desgraçado, replicou a Ave, que vos ama, e nunca amará outra. E, ao terminar estas palavras, vôou para a janella. Florina teve ao principio um grande mêdo de uma ave tão extraordinaria, que fallava com tanto espirito como se fosse um homem; mas a belleza da sua plumagem e o que ella lhe dizia deram-lhe confiança. — Ser-me-ha permittido tornar a vêr-vos, minha princeza? exclamou. Posso gosar uma felicidade tão perfeita sem morrer d'alegria? — E quem sois vós, ave seductora? disse a princeza acariciando-a. — Pronunciastes o meu nome e fingis não conhecer-me, ajuntou o rei. — Quê! O maior rei do mundo! Quê! O rei Encantador, disse a princeza, será porventura a ave que eu acaricio? — Ah! bella Florina, não é senão a verdade, e se alguma cousa póde consolar-me, é que eu preferi ser reduzido a esta condição durante sete annos a renunciar á paixão que vos consagro. — A mim! disse Florina. Ah! Eu sei que vós desposastes Truta; reconheci o vosso annel no dedo d'ella. — Oh! céos! É possivel? interrompeu o rei, Sabei que abusando do vosso nome, ellas pretendiam obrigar-me a desposar aquella semsaborona; mas depressa reconheci o meu erro, e abandoneia-a.

Raiava o dia, a maior parte dos officiaes estavam já levantados, e a princeza fallava ainda com a Ave Azul: separaram-se, depois da promessa de se vêrem todas as noites.

A alegria de se terem encontrado era extrema; todavia Florina sentia-se inquieta pela Ave Azul. Quem a guardaria dos caçadores, pensava ella, ou das garras d'alguma aguia, ou d'algum esfomeado abutre.

A linda ave, occulta nos ramos d'uma arvore, occupara-se todo o dia em pensar na bella princeza. Como queria fazer a Florina todas as galanterias de que era capaz, voou até á capital do seu reino: foi ao seu palacio, entrou no seu gabinete por um vidro que estava partido; tomou uns brincos de diamantes; levou-os á noite a Florina, e pediu-lhe que se enfeitasse. — Enfeitar-me-ía, lhe disse ella, se vós me viesseis de dia; mas, como só vos fallo de noite, escuso de pôl-os. A Ave prometteu-lhe que viria á hora que ella quizesse: ella collocou em seguida os brincos nas orelhas.

No dia seguinte a Ave Azul voltou ao seu reino, foi ao seu palacio, entrou no seu gabinete pelo vidro quebrado, e trouxe os mais ricos braceletes que já mais se viram; offereceu-os a Florina.

Na noite seguinte, a Ave amorosa presenteou a sua bella com um grande relogio engastado n'uma perola. — É inutil offerecerdes-me um relogio, disse ella lisongeiramente; quando estaes longe de mim, as horas parecem-me infinitas; quando estaes junto de mim, passam como um sonho; d'este modo não posso calculal-as.

Apenas amanhecia, a Ave occultava-se na sua arvore, cujos fructos lhe serviam d'alimento; ás vezes cantava bellas arias, que arrebatavam os transeuntes.

Não se passava um só dia, sem que não presenteasse Florina; emfim, ella tinha um thesouro de riquezas maravilhosas; ella enfeitava-se de noite para agradar ao rei, e de dia, não tendo onde mettêl-as, escondia-as cuidadosamente na palha do enxergão.

Dois annos se sumiram, sem que Florina se queixasse uma só vez do seu captiveiro.

Entretanto, a maliciosa rainha empregava inuteis esforços para casar Truta; enviava embaixadores a todos os principes, cujo nome conhecia; mal que elles chegavam, eram bruscamente despedidos. — Se se tratasse da princeza Florina, receber-vos-hiamos com alegria; mas, quanto a Truta, póde ficar virgem que ninguem se lhe opporá. — Quê! mau grado do seu captiveiro, essa arrogante transtorna os nossos planos! dizia a rainha. É preciso que ella tenha correspondencia secreta nos paizes estrangeiros: é pelo menos uma criminosa d'Estado; tratemol-o assim, e busquemos todos os meios possiveis de obrigal-a a declarar-se como tal.

Ellas resolveram subir á torre para interrogal-a. Era depois da meia-noite. Florina, ornada de pedrarias, estava com a Ave Azul á janella; o seu quarto e o seu leito estavam juncados de flôres, e algumas pastilhas de Hespanha, que ella queimára, espalhavam excellente perfume. A rainha tentou escu-

tar; julgou ouvir um duetto: com effeito, não se enganava.

— Ah! minha Truta, fomos trahidas! exclamou a rainha abrindo bruscamente a porta e arremessando-se para o quarto.

Que fez Florina? Abriu rapidamente a janella, para dar tempo a que fugisse a Ave real. A rainha e sua filha aproximaram-se como duas furias que queriam devoral-a.

— Sabem-se as vossas intrigas contra o estado! exclamou a rainha.

— E com quem, senhora? replicou a princeza. Não sois vós a minha carcereira, ha dois annos a esta parte?

Emquanto ella fallava, a rainha e sua filha examinavam-a com uma surpreza sem igual: a sua admiravel belleza e os seus extraordinarios adornos deslumbravam-n'as.

— E d'onde vos vieram, senhora, interrogou a rainha, essas pedrarias?

— Encontrei-as n'esta torre, respondeu Florina.

— Nós não somos faceis d'illudir, observou a rainha. Deram-vos essas joias com o unico fim d'obrigar-vos a entregar o reino de vosso pae.

— Acho-me em bonito estado para entregal-o! contestou a princeza com um sorriso desdenhoso.

— E para que vos enfeitastes, replicou a rainha, e enchestes o quarto de perfumes?

— Tenho tempo para tudo isso, disse a princeza.

— Vejamos, acrescentou a rainha, se esta innocente creatura fez algum tratado com os inimigos.

Ella propria procurou por toda a parte; e, lembrando-se do enxergão, que mandou esvasiar, encontrou tamanha quantidade de diamantes, pérolas, rubís, esmeraldas e topazios, que nem podia calcular d'onde tivessem vindo. Ella tinha resolvido pôr em qualquer logar os papeis que deviam perder a princeza. Quando lhe pareceu que ninguem a observava, escondeu-os na chaminé; mas, por felicidade, a Ave Azul, que tudo via do seu cypreste fronteiro, gritou:

— Acautela-te, Florina, que a tua inimiga quer atraiçoar-te. Esta voz inesperada espantou a tal ponto a rainha, que não se atreveu a executar o que meditára.

— Vêdes, senhora, disse a princeza, como os espiritos, que vôam no ar, me são favoraveis?

— Creio, disse a rainha, cheia de cólera, que os dominios vos protegem; mas, apezar d'essa protecção, vosso pae saberá fazer justiça.

A rainha deixou-a, e reuniu conselho para decidir o que se devia fazer contra a princeza. Disseram-lhe que o mais prudente seria procurar descobrir a sua intriga. A rainha approvou este pensamento; mandou deitar no mesmo quarto da princeza uma creada que a espionasse: ordenaram-lhe que dissesse que a punham ao serviço de Florina. Mas como encobrir uma tão grosseira armadilha? A princeza começou a olhar a creada como sua espia.

Não ousava chegar á janella, por mais que ouvisse esvoaçar a ave que lhe era querida. Passou um mez inteiro sem apparecer; a Ave Azul desesperava.

A espia da princeza que, havia um mez, velava noite e dia, sentiu-se tão atacada de somno, que emfim adormeceu profundamente. Florina aproveitou-se do ensejo; abriu a sua janella, e disse:

Ave Azul, da côr do tempo,
Vôa a mim, rapidamente.

A Ave, mal que a ouviu, poisou logo sobre a janella. Que alegria de se tornarem a vêr! Os carinhos e os protestos de constancia renovaram-se mil e mil vezes. Chegou emfim o momento da separação, sem que a carcereira despertasse; trocaram-se os mais tocantes adeuses. No dia seguinte a espia adormeceu tambem; a princeza assomou á janella, e disse como da primeira vez:

Ave Azul, da côr do tempo,
Vôa a mim, rapidamente.

A Ave appareceu no mesmo instante, e a noite passou como a anterior, sem ruido e sem indiscrições; os nossos amantes lisongeavam-se de que a carcereira dormiria com tanto prazer, que faria o mesmo todas as noites. Effectivamente, a terceira decorreu sem novidade; mas na quarta, tendo a dorminhoca ouvido algum ruido, escutou sem se denunciar; e viu, á luz da lua, a mais bella ave do universo fallando com a princeza, acariciando-a com a pata, beijando-a docemente; para dizer tudo, ouviu varias coisas da conversa.

Amanheceu; a princeza deitou-se no seu leito, e o rei voltou para o seu ninho. A carcereira procurou a rainha, e contou-lhe tudo o que vira e ouvira. A rainha mandou cha-

mar sua filha Truta que lhe fez saber que a Ave Azul era ó rei Encantador.

— Que affronta! exclamou a rainha. Ah! preparo uma vingança, que ha-de dar brado ao mundo!

A rainha mandou a espia para a torre, ordenando-lhe que se fingisse adormecida como das outras vezes. A pobre princeza illudida, abrindo a janella, cantou:

Ave Azul, da côr do tempo,
Vôa a mim, rapidamente.

Mas chamou-a toda a noite inutilmente. A Ave não lhe appareceu; porque a malvada rainha fizera envolver o cypreste de espadas, facas, navalhas, punhaes; e, quando a Ave ergueu vôo para a janella, as armas assassinas cortaram-lhe os pés; cahiu em seguida sobre outras que lhe cortaram as azas; e emfim, toda ferida, passou mil trabalhos para chegar á sua arvore, deixando um longo rasto de sangue.

Não lhe custava perder a vida, persuadido de que era Florina quem lhe preparou aquella cilada.

Mas o seu amigo feiticeiro, vendo que as rãs volantes conduziam o carro, sem que o rei apparecesse, percorreu oito vezes o mundo inteiro em sua procura, sem que lhe fosse possivel encontral-o.

Andava na sua nona viagem circulatoria, quando passou pelo bosque, onde estava o rei, e, segundo as regras, que elles se tinham prescripto, tocou por algum tempo a sua busina, e gritou cinco vezes com toda a força:

— Rei Encantado, rei Encantador, onde estaes vós? O rei reconheceu a voz do seu melhor amigo:

— Aproximae-vos d'esta arvore, disse-lhe, e vêde o desditoso rei que vós amaveis afogando-se no proprio sangue.

O feiticeiro olhava para todos os lados sem distinguir coisa alguma.

— Sou a Ave Azul, disse o rei com voz fraca e esmorecida. Dada esta indicação, o feiticeiro encontrou-o facilmente no seu ninho. Algumas palavras lhe bastaram para vedar o sangue que corria ainda, e o rei ficou de tão perfeita saude como antes de ser ferido.

Rogou-lhe depois que contasse o modo como fôra transformado em ave, e quem o tinha ferido com tamanha crueldade. O rei disse-lhe que fôra Florina quem desvendou o mysterio amoroso das suas visitas secretas, e que, para fazer as pazes com a rainha, consentira em deixar que rodeassem o cypreste de punhaes e navalhas, pelas quaes fôra quasi despedaçado.

— Que desgraça seria a vossa, lhe disse o feiticeiro, se fosseis capaz d'amar por mais tempo essa ingrata! A Ave Azul não estava d'accôrdo: amava demasiado Florina.

Comtudo pediu ao seu amigo que o levasse para sua casa e o mettesse n'uma gaiola, onde evitasse as unhas dos gatos e os perigos das armas assassinas.

Florina, a triste Florina, desesperada de não vêr o rei, passava os dias e as noites á janella, repetindo sem cessar:

Ave Azul, da côr do tempo,
Vôa a mim, rapidamente.

A presença da sua espia não a embaraçava já; o seu desespero era tal que não procurava occultal-o.

Truta e a rainha triumphavam. Um dia, o pae de Florina morreu de velho. A fortuna da infame rainha e de sua filha mudou de face: ellas eram olhadas como favoritas que tinham abusado da sua influencia; o povo amotinado correu ao palacio bradando pela princeza Florina e proclamando-a rainha. A rainha encolerisada quiz tratar o negocio com altivez. A sedição tornou-se geral, arrombaram as portas das camaras reaes, prenderam a rainha e lapidaram-n'a. Truta fugiu para casa de sua madrinha Soussio.

Os grandes do reino reuniram-se acto continuo, e subiram á torre, onde a princeza estava gravemente enferma; ella ignorava a morte de seu pae, e o suplicio da sua inimiga. Quando ouviu aquelle tumulto, não duvidou de que viessem buscal-a para morrer. Mas os seus vassallos, tendo-se-lhe lançado aos pés, informaram-n'a da sua mudança de fortuna: ella não sentiu a menor commoção. Levaram-n'a para o palacio e coroaram-n'a.

Decidida a procurar por toda a parte a Ave Azul, nomeou uma regencia que governasse o reino durante a sua ausencia; muniu-se depois d'uma enorme quantidade de pedrarias, e partiu uma noite, sósinha, sem que ninguem soubesse para onde ella ia.

O feiticeiro, que cuidava dos negocios do rei Encantador, não tinha força bastante para destruir o que Soussio fizera. Foi visital-a (conheciam-se ha quinhentos ou seiscentos

annos) e propoz-lhe um accordo, pelo qual ella restituisse ao rei a sua verdadeira figura.

— Trata-se, minha comadre, disse o magico, do melhor dos meus amigos, d'um rei que fizestes infeliz.

— Ah! Ah! bem sei, exclamou Soussio; mas não terá perdão, a não ser que elle despose minha afilhada.

O feiticeiro emmudeceu, tão feia achava Truta; não podia comtudo resolver-se a abandonar o assumpto. Emfim, depois de varias discussões, o feiticeiro e a sua comadre Soussio combinaram que Truta iria viver para o palacio de Encantado, onde permaneceria alguns mezes, durante os quaes o rei tomaria a resolução de desposal-a, restituindo-lhe a fada n'esse caso a verdadeira figura, e no caso contrario, deixando-o, como até então, na figura de ave.

A fada e Truta dirigiram-se ao reino de Encantador, que acabava de chegar com o seu fiel feiticeiro. A fada, com tres pancadas da sua varinha magica, restituiu-o ao primitivo estado; mas só o pensamento de desposar Truta fazia com que elle estremecesse.

Na mesma occasião, a rainha Florina, disfarçada em trajos de camponeza, com os cabellos soltos e dispersos, que lhe escondiam o rosto, um chapeu de palha na cabeça, um saco de linho ao hombro, deu começo á sua viagem, — umas vezes a pé, outras a cavallo, — umas vezes por terra, outras por mar; ella temia sempre seguir em direcção contraria á do seu amado rei. Um dia, que descançava á beira d'uma fonte, teve desejo de lavar os pés. Passou n'aquelle logar uma velhinha, toda curvada, que se deteve junto d'ella e lhe disse:

— Que fazeis ahi, minha bella, tão abandonada?

— Minha boa mãe, respondeu a rainha, não estou só, mas em grande companhia; porque tenho commigo os pezares, as inquietações e os desgostos. E os seus olhos cobriram-se de lagrimas.

— Quê! tão nova, e choraes! disse a boa mulher.

Ah! minha filha, calae o vosso soffrimento. Dizei-me sinceramente o que vos afflige.

A rainha contou-lhe as suas maguas.

A velhinha ergue-se, transfigura-se-lhe de subito o rosto, parece bella, moça, soberbamente vestida, e, fixando a Florina com um sorriso gracioso:

— Incomparavel rainha, diz-lhe, o rei que procuraes já não é ave; minha irmã Soussio restituiu-lhe a sua primeira figura, e elle vive no seu reino. Nada d'afflicções; haveis de chegar lá e conseguireis o vosso fim. Tomae quatro ovos; partil-os-heis, quando vos virdes em perigo, porque elles vos prestarão soccorros uteis.

Ditas estas palavras, desappareceu.

Florina metteu os ovos no saco, e dirigiu-se ao reino de Encantador.

Depois de ter andado oito dias e oito noites sem descanço, ella chega ao supé d'uma montanha, prodigiosa pela sua altura, toda de marfim, e tão escarpada, que não podia dar-se um passo em cima d'ella sem risco d'uma queda perigosa.

Depois de mil tentativas inuteis, deitou-se junto da montanha, resolvida a deixar-se morrer, quando se lembrou dos ovos que lhe déra a fada. Pegou n'um; apenas o partiu, encontrou pequenas garras d'oiro, que ella atou nos pés e nas mãos. Subiu d'este modo a montanha de marfim sem difficuldade alguma. Quando chegou ao cimo, passou novos trabalhos para descer; toda aquella rampa era d'um gêlo uniforme d'espelho. Havia em torno mais de sessenta mil mulheres que se miravam alli com extremo prazer, porque se viam conforme desejavam ser. Esta circumstancia não attrahia menos homens; o espelho agradava-lhes tambem. Pessoa alguma tinha jámais chegado ao cume da montanha, e, quando viram Florina, as mulheres soltavam gritos de desespero:

— Onde vae essa tresloucada? diziam.

Parte-nos o nosso espelho.

A rainha não sabia o que fazer: partiu um outro ovo, de que sahiram dois pombos e um carrinho que logo se tornou d'um tamanho sufficiente para a rainha viajar commodamente; depois, os pombos desceram levemente com a rainha. Ella disse-lhes:

— Meus amiguinhos, se quizerdes conduzir-me ao logar onde o rei Encantador vive com a sua côrte, eu prometto-vos que não serei ingrata. Os pombos não pararam nem de dia nem de noite, antes da sua chegada ás portas da cidade. Florina desceu, e deu-lhes um doce beijo a cada um.

Oh! Como o coração lhe batia ao entrar na cidade! ella pintou o rosto para não ser conhecida. Perguntou aos transeuntes onde podia vêr o rei. Alguns puzeram-se a rir: — « Vêr o rei! disseram-lhe. Que lhe queres tu, amiga porcalhona? Vae, vae lavar-

te; não tens os olhos em bom estado para vêr um tal monarcha. A rainha nada respondeu; perguntou ainda ás pessoas que encontrava, onde poderia vêr o rei. — «Podeis vêl-o ámanhã no templo em que se celebra o seu casamento com a princeza Truta, dizem-lhe; porque elle consentiu afinal em desposal-a».

Céo! que noticias! Truta, a indiga Truta, a ponto de desposar o rei! Florina julgou morrer.

A rainha procurou onde hospedar-se, a occultas. Levantou-se ao romper do dia e correu para o templo; só entrou depois de ter recebido mil chufas dos guardas e soldados. O rei foi o primeiro a chegar; em seguida appareceu Truta, ricamente vestida, e tão górda que mettia medo.

— Quem és tu, disse a Florina, que assim ousas approximar-te do meu throno d'ouro?

— Eu chamo-me Amiga-Porcalhona, respondeu ella, e venho de longe para vender-vos raridades. Mecheu no saco de linho, e tirou os braceletes d'esmeraldas que o rei Encantador lhe tinha dado.

— Oh! oh! disse Truta. Bonitas quinquilherias! queres um tostão por ellas?

— Mostrae-as, senhora, aos conhecedores, disse a rainha, e depois faremos negocio.

A Truta adiantou-se para o throno, e mostrou ao rei os braceletes. A' vista d'elles, o rei lembrou-se dos que déra a Florina; empallideceu, suspirou, e esteve muito tempo sem responder; emfim, replicou:

— Estes braceletes valem, creio eu, tanto como o meu reino; pensava que só havia, como este, um par no mundo; mas ha dois semelhantes.

Truta subiu para o throno, onde estava entalada como uma ostra na concha; perguntou á rainha quanto queria pelos braceletes.

— Custar-vos ha muito a pagal-os, senhora, disse Florina; antes quero propôr-vos um outro negocio: se me proporcionardes a occasião de dormir uma noite no gabinete dos echos, no palacio do rei, dar-vos-hei as minhas esmeraldas.

— Acceito, Amiga-Porcalhona, disse Truta, rindo como uma perdida, e mostrando uns dentes mais compridos do que as pontas d'um veado.

Vem a proposito contar que, sendo o rei Ave Azul, contára á princeza que havia no seu palacio um gabinete, chamado o *gabinete dos echos,* que fôra tão ingenhosamente construido, que tudo o que alli se dissesse, ainda que baixo, era ouvido pelo rei, no seu proprio quarto; e, como Florina queria censurar-lhe a sua infidelidade, imaginára aquelle meio.

Conduziram-n'a ao gabinete por ordem de Truta: começou a contar as suas queixas, os seus pezares, alongando até ao dia aquella melancholica narrativa. Os creados de serviço ouviram-n'a toda a noite gemer e suspirar: foram dizel-o a Truta. Quanto ao rei, nada tinha ouvido. Desde os seus amores com Florina, elle não conseguia dormir; e, quando se deitava para repousar, subministravam-lhe opio.

A rainha passou uma parte do dia na mais extranha inquietação.

— Se é que elle me ouviu, dizia ella, podia imaginar-se uma indifferença mais cruel? Se me não ouviu, como conseguirei fazer-me ouvir? Ella precisava comtudo d'alguma coisa que espicaçasse o gosto de Truta: recorreu aos seus ovos. Partiu um outro: surgiu logo um carrinho d'aço polido, com guarnições d'ouro. Pucham-n'o seis ratos verdes, guiados por um côr de rosa, e o postilhão, tambem da mesma familia, era pardo. Havia no carrinho quatro bonecos que faziam cousas surprehendentes.

A rainha sentiu-se arrebatada em face d'esta obra-prima da arte nigromantica. Ella não disse palavra durante o dia; mas, ao entardecer, á hora em que Truta ia dar o seu passeio, metteu-se n'uma álea, fazendo galopar os seus ratos que arrastavam o carrinho, o postilhão e os bonecos. Esta novidade encantou de tal modo Truta, que exclamou duas ou trez vezes:

— Amiga-Porcalhona, Amiga-Porcalhona, queres um tostão pelo carrinho e a sua equipagem de ratos?

— Dormir ainda no gabinete dos echos, respondeu a rainha, é tudo quanto peço.

— Acceito, pobre estupida, replicou Truta.

Chegou a noite, Florina disse tudo quanto póde imaginar-se de mais terno, e disse-o tão inutilmente como da primeira vez, porque o rei n'essa noite tomára opio tambem.

Para soccorrel-a, só lhe restava um ovo no fundo do saco; partiu-o, e d'elle sahiu um pastel de seis aves magnificamente cosinhadas; mas, apezar d'isso, cantavam maravilhosamente, prediziam a sina, e sabiam mais medicina do que Esculapio. A rainha dirigiu-se com o seu pastel á ante-camara de Truta.

Emquanto esperava o momento de fallar-

lhe; um dos camareiros do rei, approximou-se d'ella, dizendo-lhe: — Minha Amiga-Porcalhona, sabes que, se o rei não tomasse opio para dormir, havias certamente d'aturdil-o, porque tagarellas durante a noite d'um modo surprehendente! Florina remexeu no saco, e disse-lhe: — Estou tão segura de não perturbar o somno do rei, que, se quizerdes não lhe dar opio esta noite, caso eu durma no mesmo gabinete, todas estas perolas e todos estes diamantes vos pertencem. O camareiro accedeu, promettendo, sob a sua palavra, cumprir á risca o seu compromisso.

Alguns momento depois, appareceu Truta; ella viu a rainha que fingia comer o seu pastel. — Que fazes tu ahi, Amiga-Porcalhona? disse. — Senhora, respondeu Florina, cômo astrologos, musicos e medicos. Ao mesmo tempo, todas as aves começaram a cantar melodiosamente, como as sereias; depois gritaram: — Se quizerdes, podemos lêr a vossa sina. Um canario disse mais alto que as outras aves: — Can, can, can, eu sou medico, curo todos os males e todas as especies de loucura, menos a do amor. Truta, maravilhada, exclamou: — Eis um excellente pastel! Quero possuil-o! Amiga Porcalhona; quanto queres por isso? — O preço que já sabeis, disse ella; dormir no gabinete dos echos, nem mais nem menos. Calculem-se Truta não consentiria.

Mal anoiteceu, a rainha fechou-se no gabinete. Quando julgou que todos dormiam, começou as suas queixas sentidas.

O rei não dormia, e ouviu tão distinctamente a voz de Florina e todas as suas palavras, que não podia comprehender d'onde ellas provinham; mas o seu coração, dominado pela ternura, trouxe-lhe vivamente á ideia a sua incomparavel princeza; pela sua parte, começou tambem a fallar: — Ah! princeza, demasiado cruel para com o amante que vos adorava, é possivel que o sacrificasseis aos nossos communs inimigos! Florina respondeu-lhe logo, e participou-lhe que, se quizesse ouvir a Amiga-Porcalhona, saberia tudo. O rei, impaciente, chamou um dos seus camareiros, e perguntou-lhe se poderia encontrar a Amiga-Porcalhona e leval-a á sua presença. O camareiro replicou que nada era mais facil, por quanto ella dormia no gabinete dos echos.

Desceu por uma escada secreta ao gabinete, de que a rainha tirára a chave; mas havia outra que abria todas as portas do palacio.

Encontrou com um leve vestido de tafetá branco, que ella occultava sob o seu humilde trajo; estava deitada, e uma lampada um pouco distante envolvia o gabinete n'uma discreta meia sombra. O rei entrou subitamente, e, vencido o seu recentimento pelo amor, apenas a reconheceu, lançou-se-lhe aos pés.

A rainha mal suspirava: olhava fixamente o rei sem nada dizer-lhe; e, quando teve forças para fallar, não se atreveu a censural-o. Emfim, interrogaram-se, justificaram-se, e a unica cousa que os embaraçava era a fada Soussio.

Mas n'esse momento, o feiticeiro amigo do rei chegou acompanhado d'uma fada famosa. era justamente a mesma que tinha dado os quatro ovos a Florina. Ambos declararam que, unido o seu poder em favor do rei e da rainha, Soussio nada podia contra elles. D'este modo o casamento dos regios namorados escusava de ser retardado.

Facilmente se imagina a alegria dos dois amantes: apenas amanheceu, espalhou-se a noticia em palacio, e todos estavam anciosos de vêr Florina. Estas novidades chegaram aos ouvidos de Truta; ella correu aos aposentos do rei. Que surpreza, quando se lhe deparou a sua bella rival! Assim que pretendeu abrir a bocca para injurial-a, o magico e a fada appareceram, e transformaram-a em porca, para que lhe restasse ao menos uma parte do seu natural: ella fugiu logo para a côrte.

O rei Encantador e a rainha Florina, livres de tão odiosa perseguidora, não distrahiram o seu pensamento das festas do noivado: a galanteria e a magnificencia deram-se as mãos para abrilhantar o festival. Imagine-se tamanha felicidade, depois de tantas desgraças.

FIM DA HISTORIA DA AVE AZUL.

HISTORIA DO ANÃO AMARELLO.

Era uma vez uma rainha, a quem, d'alguns filhos que teve, só ficou uma filha que valia por mil: tinha uma tão terrivel apprehensão de perdel-a, que lhe não corrigia os defeitos, de sorte que aquella maravilhosa creança, d'uma belleza mais celeste do que mortal, destinada a possuir uma corôa, tornou-se tão altiva e tão vaidosa dos seus encantos que a todos despresava.

A rainha, sua mãe, levava-a pelas suas caricias e complacencia, a persuadir-se de que ninguem havia digno d'ella: viam-a quasi sempre vestida de Pallas ou de Diana, seguida das fidalgas da côrte trajando de nymphas; emfim, para mais exaltar a sua vaidade, a rainha chamou-a Toda-Bella, e mandou o seu retrato a varios reis. Quando elles viram o retrato, nenhum houve que podesse fugir ao poder dos seus encantos: uns adoeceram, outros endoudeceram, e os mais felizes chegaram de perfeita saude junto d'ella; mas, tão depressa ella appareceu, os pobres principes tornaram-se seus escravos.

Nunca existiu côrte mais galante e mais polida. Vinte reis, á compita, procuravam agradar-lhe; e, depois de terem gasto só n'uma festa em sua honra trezentos ou quatrocentos milhões, se conseguiam que ella dissesse: *isto é bonito*, davam-se como recompensados. Toda-Bella era o unico objecto da prosa e da poesia dos auctores do seu tempo.

Já a princeza tinha quinze annos, ninguem ousava pretender a honra de ser seu esposo, e ninguem havia que desejasse sêl-o. Como fazer-se amar por um coração d'aquella natureza? A rainha, que queria casal-a, não sabia a maneira de resolvel-a a dar semelhante passo.

— Não queres, lhe disse ella algumas vezes, sacrificar um pouco d'esse orgulho insupportavel que te faz olhar com desprezo para todos os reis que vêem á nossa côrte?

— Eu sou feliz, respondeu-lhe Toda-Bella: permitti pois, senhora, que eu viva n'uma tranquilla indifferença.

Na incerteza do que devia fazer, a rainha foi procurar uma fada celebre, a quem chamavam *a fada do deserto;* mas não era facil fallar-lhe, porque tinha uma guarda de leões. A rainha não tentaria a empreza, se não soubesse ha muito que era preciso lançar aos leões um bolo, feito de farinha de milho com assucar-candi e ovos de crocodillo: ella mesma preparou o bolo, e pôz-se a caminho. Cansada d'uma longa caminhada, encostou-se junto d'uma arvore, para repousar um pouco; insensivelmente adormeceu; mas, ao despertar, viu que lhe desapparecêra o bolo; e, para cumulo de desgraça, ouviu as passadas dos grandes leões, que a tinham presentido.

Não tendo forças para salvar-se, encostou-se á arvore, ao pé da qual dormira; ao mesmo tempo ouviu: «Chit, chit, hem, hem». Olhou e viu sobre a arvore um homemzinho que não tinha mais d'um côvado d'altura; estava a comer laranjas, e disse-lhe:

— Oh! rainha, conheço-vos muito bem e sei que tendes medo que os leões vos devorem; e, para cumulo de desgraça, já não tendes o bolo.

— E' preciso resolver-me a morrer, disse a rainha suspirando. Ah! pouco me custaria, se ao menos tivesse minha filha casada!

— Que! tendes uma filha? exclamou o Anão Amarello (chamavam-o assim por causa da côr do seu rosto e da laranjeira onde vivia); na verdade rejubilo; se m'a prometteis, salvar-vos-hei dos leões, dos tigres e dos ursos. A rainha fixou-o, e, espantada da sua horrivel figura, scismava, sem nada lhe responder.

— Então, hesitaes, senhora? lhe gritou elle: é preciso que não ameis a vida. Ao mesmo tempo, a rainha viu no alto da collina os leões correndo para ella; cada um tinha duas cabeças, oito pés, quatro fileiras de dentes, e a sua pelle era tão dura como tartaruga e tão vermelha como marroquim. Mal isto viu, a pobre rainha gritou com toda a força:

— Senhor Anão, pertence-vos Toda-Bella.

— Oh! disse elle n'um tom desdenhoso, Toda-Bella é demasiado bella, não a quero, guardae-a.

— Ah! senhor, continuou a rainha afflicta, não a recuseis.

— Pois bem, replicou elle, acceito-a por caridade; lembrae-vos de que acabaes de darm'a. Immediatamente, abriu-se o tronco da larangeira, a rainha lançou-se de chofre para dentro, e os leões perderam a presa.

A rainha estava tão perturbada que nem via uma porta disfarçada na arvore; apercebeu-a finalmente e abriu-a: dava para um campo d'ortigas e de cardos. O campo era rodeado d'um fosso lodoso, e um pouco mais longe erguia-se uma casinhola baixa, coberta de palha; o Anão Amarello sahiu com ar contrafeito; usava tamancos, uma jaqueta de borel amarello, era careca, tinha grandes orelhas e uma apparencia de pequeno scelerado.

— Estou encantado, senhora minha sogra, disse á rainha, de vêr-vos no pequeno castello, em que a vossa Toda-Bella ha de viver comigo: ella poderá sustentar, com as ortigas e cardos, um jumento que ha de leval-a a passeio; abrigar-se-ha, sob este tecto rustico, da intemperie das estações; beberá d'esta agua e comerá as rãs que se nutrem no lodo; emfim, ter-me-ha junto d'ella dia e noite, bello, bem posto e galante como vêdes.

A infeliz rainha, pensando na vida deploravel que o anão promettia a sua querida filha, desmaiou, sem ter forças para responder uma só palavra; mas, durante o desmaio, ella foi transportada para o seu leito, — na cabeça a mais bella touca de dormir, e um laço magnifico como jámais possuira para enfeitar-se. A rainha, ao despertar, não acreditou em nada do que lhe havia succedido; porque, encontrando-se no seu palacio, não tinha o aspecto de quem se perdêra no deserto. Comtudo a touca, de preciosa renda, e o laço causavam-lhe tanta surpresa como o sonho, que lhe parecia ter sonhado.

A princeza, que a amava de todo o coração, inquietou-se muitissimo; supplicou que lhe dissesse o que tinha; mas a rainha evitava sempre responder-lhe. Toda-Bella, não podendo ser já senhora da sua inquietação, tomou a resolução d'ir procurar a famosa *fada do deserto*; desejava tambem pedir-lhe um conselho sobre se devia conservar-se solteira ou casar. Ella mesma preparou o bôlo que podia serenar a furia dos leões; e, emquanto a julgavam recolhida nos seus aposentos, sahiu e encaminhou-se para a gruta, onde a habilidosa fada vivia.

Mas, ao chegar á larangeira fatal de que já fallamos, viu-a tão coberta de fructos e de flôres, que teve desejos de colher algumas; poisou no chão a cestinha, em que levava o bôlo, e cortou algumas laranjas, que comeu: quando ia buscar a cestinha e o bôlo, tudo desapparecêra. Inquieta e afflicta, viu de repente diante de si o Anão de que já fallamos.

— Que tendes, bella menina? disse-lhe elle.

— Ah! respondeu a princeza, perdi o meu bôlo, que me era tão necessario para chegar sã e salva a casa da *fada do deserto*.

— E que lhe quereis, bella menina? perguntou o pequeno mono. Eu sou seu parente e amigo, e, quasi, tão habil como ella.

— Minha mãe, a rainha, respondeu a princeza, cahiu ha algum tempo n'uma tristeza medonha; parece-me que sou eu a causa do seu soffrimento, porque ella deseja casar-me; confesso que não encontrei ainda marido digno de mim; todas estas razões me levam a fallar á fada.

— Não vos canceis, princeza, disse o Anão; eu, melhor do que ella, posso esclarecer-vos a esse respeito.

— A rainha vossa mãe se tem pezar é de vos ter promettido em casamento.

— A rainha prometteu-me? disse ella interrompendo-o. Ah! enganaes-vos sem duvida.

— Sim, bella princeza, disse o anão, lançando-se-lhe aos pés; e sou eu o destinado a tamanha felicidade.

— Minha mãe quer-vos para genro! exclamou Toda-Bella, recuando alguns passos.

— Faço pouco caso d'essa honra, disse o Anão encolerisado: eis os leões que se approximam; com tres dentadas, hão de vingarme do vosso injusto desprezo!

— Que vae ser de mim! exclamou a pobre princeza. Hei de aqui acabar os meus bellos dias!

— Tereis ao menos a gloria de morrer virgem, disse-lhe, em ar de mofa, o malvado Anão.

— Preferia, respondeu a princeza, desposar todos os anões do universo, a morrer devorada pelas feras.

— Meditae, princeza, antes de me dardes a vossa palavra, replicou, porque não quero tomar-vos de surpresa.

— Já meditei, lhe disse ella, salvae-me, ou morro de medo.

Effectivamente, mal acabára estas palavras, desmaiou; e, sem saber como, achou-se no seu leito, entre o linho mais bello do mundo, enfeitada com as joias mais bellas, e com um pequeno annel feito d'um só cabello roxo, tão apertado que seria mais facil arrancar a pelle do que tiral-o do dedó.

Quando a princeza viu tudo isto, e se lembrou do que se passára durante a noite, cahiu n'uma melancholia que surprehendeu e inquietou toda a côrte. Emfim, os estados do reino, impacientes do casamento da princeza, reuniram-se, e procuraram em seguida a rainha pedindo-lhe que escolhesse marido para sua filha. Ella aconselhou-lhes que consultassem a princeza, e tratassem de convencel-a: seguiram immediatamente o alvitre da rainha. Toda-Bella perdera muito da sua altivez, desde a sua aventura com o Anão Amarello: não sabia como livrar-se d'elle, a não ser casando com algum poderoso rei contra o qual o Anão não podesse luctar. Consentiu em desposar o rei das minas d'ouro: era um principe poderoso e gentil.

Facilmente se calcula a alegria do rei preferido, e o furor de todos os seus rivaes.

Prepararam-se as cousas necessarias para a maior festa do universo: o rei das minas d'ouro dispendeu sommas prodigiosas, — tão prodigiosas que toda a extensão dos mares era coberta pelos navios que lh'as trouxeram. Mandou-se ás côrtes mais radiosas e galantes, e particularmente á de França, buscar o que havia de mais raro para enfeitar a princeza; e o rei das minas d'ouro; vendo-se prestes a ser feliz, nunca deixava a encantadora princeza.

O interesse que ella tinha de conhecel-o obrigou-a a estudal-o com cuidado: descobriu n'elle tanto merito, tanto espirito, sentimentos tão vivos e tão delicados, emfim uma bella alma n'um corpo tão perfeito, que começou a dedicar-lhe uma parte do affecto que elle nutria por ella.

O dia impacientemente desejado chegou finalmente: tudo estava preparado para os esponsaes de Toda-Bella; a rainha enthusiasmada levantou-se muito cedo para dar as suas ordens e escolher as pedrarias que deviam adornar a princeza. O seu vestido de brocado de prata era traçado por uma duzia de raios de sol: uma rica corôa poisava-lhe na fronte. O rei das minas d'ouro não estava menos resplandecente. Tinha mandado rodear a sala dos festins de grandes toneis cheios d'ouro e de grandes saccos de velludo bordados a perolas cheios de peças d'oiro: cada pessoa podia tirar cem mil, davam-as indifferentemente aos que estendessem a mão.

A rainha e a princeza dispunham-se a sahir com o rei, quando viram entrar, na longa galeria em que estavam, dois grandes perús da India arrastando uma caixa muito mal feita: viuha atraz d'elles uma grande velha cuja decrepitude não surprehendeu menos os circumstantes do que a sua extrema gordura; deu tres voltas com os seus perús da India sem pronunciar uma palavra; depois, parando no meio da galeria e manejando a muleta a que se appoiava d'um modo ameaçador:

— Oh! oh! rainha; oh! oh! princeza, exclamou ella, assim pretendeis faltar á palavra que déstes ao meu amigo Anão Amarello? Eu sou a *fada do deserto;* sem o auxilio d'elle, não sabeis que os meus leões vos teriam devorado? Calculae o que ides fazer; porque eu juro que haveis de casar com elle, ou eu queimarei a minha muleta.

O rei das minas d'ouro, indignado approximou-se d'ella, d'espada em punho, e fazendo menção de degolal-a:

— Desgraçada! gritou-lhe, affasta-te para sempre d'este logar, ou pagarás com a vida a tua maldade.

Apenas elle pronunciara estas palavras, a tampa da caixa saltou fóra com medonho ruido, e viu-se apparecer o Anão Amarello, montado n'um grande gato d'Hespanha, que se collocou entre a Fada do deserto e o Rei das minas d'ouro:

— Joven temerario, lhe disse, é só comigo que tens a haver-te; eu sou o teu rival, o teu inimigo; a infiel princeza, que te deram em casamento, empenhou comigo a sua palavra, como eu com ella empenhei a minha; repara no annel que ella traz, feito dos meus cabellos; tira-lh'o, se podes, e verás por isso que o meu poder supplanta o teu.

— Miseravel, lhe disse o rei, eu ter-te-hia já tirado a vida, se tu não fosses um histrião medonho, odioso á vista, e indigno de tão gloriosa morte! O Anão Amarello desembainhou um largo alfange, de que vinha armado, e desafiando o rei ao combate, desceu espalhafatosamente ao pateo do palacio.

O rei, encolerisado, seguiu-o apressadamente, e os dois perús da India appareceram por traz do anão infame, como dois gigantes, mais altos que montanhas, lançando fogo pela bocca e pelos olhos. Todas estas cousas não seriam capazes d'atemorisar o

coração magnanimo do joven monarcha; mas a sua coragem não resistiu ao espectaculo que lhe proporcionou a fada do deserto, com a cabeça coberta de serpentes, montada n'um grife alade, armada d'uma lança, ferindo a sua querida princeza tão rudemente, que foi cahir nos braços da rainha, banhada no proprio sangue.

O rei abandonou o combate e correu para a princeza com o fim de soccorrel-a; mas o Anão Amarello não lhe deu tempo a approximar-se; arremessou-se com o seu gato hespanhol para a varanda onde ella estava, arrancou-a dos braços da rainha; depois, saltando pelo telhado do palacio, desappareceu com a sua preza.

O rei, immovel e confuso, olhava com o maximo desespero uma tão extraordinaria aventura, que o fazia ainda mais desditoso por não poder remedial-a d'algum modo.

A maldosa fada do deserto, mal que o viu, apaixonou-se do Rei das minas d'ouro, e, querendo tornal-o preza do seu barbaro amor, arrebatou-o para o fundo d'uma lobrega caverna, carregando-o de grilhões. Em seguida, pedindo á arte da nigromancia as graças e encantos que a natureza lhe negara, appareceu deante d'elle como nympha adoravel que o acaso para alli conduzisse.

— Que vejo? exclamou ella. Sois vós, principe gentil! que desgosto vos acabrunha e retem n'esta morada lugubre? O rei, enganado pelas apparencias, replicou-lhe:

— Ah! bella nympha, ignoro o que me quer a furia infernal que para aqui me trouxe, e que eu reconheci como a fada do deserto.

—Ah! senhor, exclamou a falsa nympha, se estaes em poder d'essa mulher, não alcançareis a liberdade, se a não desposardes; ella já tem feito o mesmo a mais d'um heroe.

Emquanto ella simulava tomar grande parte nas afflicções do rei, este reparou nos pés da nympha que eram como os d'um grife; era sempre pelos pés que se reconhecia a fada nas suas differentes metamorphoses.

O rei fingiu nada ter descoberto:

— Não sinto odio algum, lhe disse, pela fada do deserto; mas custa-me a supportar que ella proteja o Anão Amarello contra mim, e que me tenha agrilhoado. Se ella me restituir a liberdade, eu presinto que o reconhecimento me ha-de obrigar a amal-a.

A fada do deserto, illudida por estas palavras, tomou a resolução de transportar o rei para um logar tão agradavel quanto era medonha aquella solidão; de modo que, obrigando-o a subir para o seu carro, puchado a cysnes, voou d'um pólo ao outro.

Mas que soffrimento o do principe, quando, ao atravessar o vasto espaço, viu a sua querida princeza n'um castello todo d'aço, cujas muralhas, feridas pelos raios do sol, eram espelhos ardentes que queimavam todos aquelles que tentassem approximar-se! Ella estava n'um bosque, reclinada á margem d'um regato, uma das mãos segurando a cabeça, e a outra limpando as suas lagrimas. Como levantasse os olhos para o céo, viu passar o principe com a fada do deserto, que pareceu aos olhos da princeza a mulher mais bella do mundo.

— Quê! exclamou ella, não serei bastante infeliz n'este inacessivel castello? E' preciso que, até aqui o demonio dos ciumes venha perseguir-me? Mas quem será a rival temivel cuja fatal belleza excede a minha?

Emquanto ella assim fallava, o amoroso rei sentia uma dôr mortal, ao affastar-se, tão rapidamente, do querido objecto de seus sonhos.

A fada e o principe chegaram a um vasto prado esmaltado de mil flores diversas; via-se, lá ao longe, um soberbo palacio, cujas paredes eram transparentes esmeraldas.

Logo que os cysnes, que conduziam a fada, entraram n'um portico com pavimento de diamantes e abobadas de rubís, surgiram de todos os lados mil formosas creaturas, que vieram recebel-a com grandes acclamações d'alegria.

A fada do deserto levou o rei para o mais sumptuoso aposento, que jámais se viu n'um palacio de fadas, e deixou-o alguns momentos só, para que elle se não julgasse captivo; o principe duvidava que ella se tivesse afastado bastante; e suppunha-a espiando-o cuidadosamente; isto obrigou-o a approximar-se d'um grande espelho, dizendo:

— Fiel conselheiro, permitte que eu veja o que posso fazer para tornar-me agradavel á encantadora Fada do deserto, porque me preoccupa a cada momento o desejo de parecer-lhe digno do seu amor.

A fada entrou, n'um transporte d'alegria, que não conseguiu moderar. — Agradeço-vos, lhe disse ella, os cuidados que mostraes para agradar-me; encontrastes esse segredo, mesmo sem procural-o.

O rei, que tinha razões para dizer amabilidades á velha fada, não as poupou, e obteve insensivelmente a liberdade de passear

ao longo da costa do mar. Ella, pela sua arte magica, tornou o mar tão terrivel e tempestuoso que por aquelle lado nada devia temer da complacencia que mostrava com o prisioneiro.

Andando o rei a passeiar pela praia ouviu uma voz que attrahiu toda a sua attenção. Olhava para todos os lados, quando lhe appareceu uma mulher d'extraordinaria belleza: o seu corpo era coberto por longos cabellos que, docemente agitados pelos zephiros, fluctuavam sobre a agua. Segurava um espelho n'uma das mãos e na outra um pente. O rei ficou attonito d'um encontro tão extraordinario. Mal que chegou a distancia de fallar, ella disse-lhe:

—Eu sei a triste condição a que fostes reduzido pela ausencia da vossa princeza e pela bizarra paixão que inspirastes á fada do deserto; se quizerdes, tirar-vos-hei d'este logar fatal. O rei não sabia que responder; temia que a fada do deserto tivesse tomado aquella nova figura com o fim d'experimental-o. Como hesitasse, a sereia, que adivinhou os seus pensamentos, disse-lhe:

—Não imagineis que seja um laço que vos armo; o procedimento da fada do deserto e do Anão Amarello irritaram-me contra elles; vejo todos os dias a vossa infeliz princeza; a sua belleza e as suas virtudes inspiram-me igual compaixão, e, repito ainda, se tiverdes confiança em mim, salvar-vos-hei.

—Tamanha é a minha confiança, exclamou o rei, que farei tudo o que me ordenardes.

—Não percamos tempo, lhe disse ella; vinde comigo, vou levar-vos ao castello d'aço, e deixarei na costa uma figura tão parecida comvosco, que a fada ha-de ficar illudida.

Cortou logo um punhado de juncos marinhos, e, soprando-lhes tres vezes, disse:

—Juncos marinhos, meus amigos, ordeno-vos que fiqueis esteedidos sobre a areia, até que a fada do deserto venha buscar-vos.

Os juncos tomaram corpo, e appareceram tão semelhantes ao rei das minas d'ouro, que nunca se viu uma cousa tão surprehendente. Ao mesmo tempo a boa sereia fez assentar o rei na sua grande cauda de peixe, e vogaram ambos em pleno mar.

—Eu devo agora, lhe disse ella, informar-vos de que, quando o infame Anão Amarello arrebatou Toda-Bella, collocou-a, apezar da ferida que lhe fizera a fada do deserto, á gerupa do seu terrivel gato d'Hespanha; ella perdia tanto sangue que ficou sem sentidos durante todo o caminho. Mas o Anão Amarello não quiz deter-se para soccorrel-a, sem que se visse em segurança no seu palacio d'aço.

A princeza foi deitada n'um leito de cortinados d'ouro, semeados de pérolas maiores do que nozes.

—Ah! exclamou o rei das minas d'ouro, o anão desposou-a, morro de dôr.

—Não, replicou a sereia, socegae: a fidelidade de Toda-Bella preservou-a das violencias do hediondo anão. Um dia, quando estava no bosque, ella viu-vos passar com a fada do deserto, enfeitada d'um modo tal que lhe pareceu d'uma belleza superior á sua. Julgou que vós a amaveis.

Ditas estas palavrs, chegaram ao castello d'aço; a costa do mar era a unice parte que o Anão Amarello deixára sem as muralhas d'aço que queimavam toda a gente.

—Sei muito bem, disse ao rei a sereia, que Toda-Bella, repousa á beira do mesmo regato, em que a vistes já; mas, como tereis inimigos a combater antes de lá chegar, tomae uma espada com a qual podeis affrontar os maiores perigos, comtanto que a não largueis da mão. Adeus, vou esconder-me no rochedo que vêdes d'aqui; se tiverdes necessidade de mim para levar-vos mais longe com a vossa querida princeza, contae comigo, porque a rainha, sua mãe, é a minha melhor amiga, e foi para servil-a que vim procurar-vos. Ditas estas palavras, deu ao rei uma espada feita d'um só diamante.

Como se demorasse o regresso do seu formoso amante, a Fada do deserto apressou-se a procural-o ao longo da costa com sem donzellas do seu sequito. Qual foi o seu espanto quando viu os juncos marinhos tão parecidos com o rei que não podia reconhecer-se differença d'especie alguma! Ferida da mais viva dôr, soltou um grito tão espantoso que atravessou os céos, fez tremer os montes e retumbou nos infernos. Lançou-se sobre o corpo do rei; chorou, soluçou; finalmente, ficou louca de dôr.

Em seguida chamou onze das suas irmãs, que eram fadas como ella, pedindo-lhes que a ajudassem a erguer um soberbo mausoleu para o joven heroe.

No entretanto, o rei agradecia á dedicada sereia, pedindo-lhe que lhe concedesse a sua protecção. Ella prometteu-lh'a da melhor vontade, e desappareceu a seus olhos. Nada mais tinha o rei a fazer do que adeantar-se para o castello d'aço.

Assim guiado pelo seu amor, caminhou a largos passos, olhando ávidamente, na descoberta da sua adoravel princeza; mas não esteve muito tempo tranquillo: cercaram-n'o quatro sphinges terriveis, e, estendendo as suas garras agudas, tel-o-hiam despedaçado, se lhe não valesse a espada de diamante. Apenas a fez brilhar n'um manejo rapido, os monstros cahiram-lhe inermes aos pés. Vibrou em cada um d'elles um golpe mortal; depois, adeantando-se ainda, encontrou seis dragões cobertos d'escama mais dura que o ferro. Mas nem um só resistiu aos golpes da sua espada. Vinte e quatro nymphas, bellas e graciosas, sahiram-lhe ao encontro, desenrolando grinaldas de flôres com que lhe fechavam a passagem.

— Onde quereis ir, senhor? lhe perguntaram. Estamos encarregadas de guardar este logar; se vos deixarmos passar, grandes desgraças cahirão sobre nós e sobre vós. Por favor, não persistaes no vosso intento: quereis manchar as mãos virtuosas no sangue de vinte e quatro innocentes donzellas, que jámais vos offenderam? O rei, quando isto viu, ficou interdicto; mas uma, como que a reanimal-o, segredou-lhe:

— Fere! Fere! não poupes ninguem, tu perdes para todo o sempre a princeza.

Ao mesmo tempo, sem nada responder ás nymphas, despedaça as grinaldas, lança-se contra ellas e desbarata-a no mesmo instante. Entrou no pequeno bosque, onde tinha visto Toda-Bella; ella lá estava junto do regato, pallida e enfraquecida. Aproxima-se tremendo: quer deitar-se-lhe aos pés; mas ella affasta-se com ligeireza.

— Não me condemneis, sem ouvir-me, senhora, lhe disse elle; eu não sou nem culpado nem infiel.

—Ah! barbaro! exclamou ella; eu vi-vos atravessar o espaço com uma creatura d'extraordinaria belleza; era contra vontade que fazieis semelhante viagem?

— Sim, princeza, disse elle, era contra vontade; a maldita Fada do deserto arrebatou-me no seu carro para os confins da terra, onde estaria agora morrendo, se não fosse o inesperado auxilio d'uma sereia bondosa, que me conduziu a estas paragens. Eu venho, minha princeza, para arrancar-vos ás mãos indignas que vos reteem captiva. Ajoelhou-se aos pés da princeza, e deixou involuntariamente cahir a sua espada. O Anão Amarello, que se tinha escondido debaixo d'uma alface, apoderou-se d'ella.

A princeza soltou um terrivel grito, quando viu o anão; mas o pequeno monstro, com duas palavras magicas, fez apparecer dois gigantes que carregaram de ferros o rei.

— Sou n'este momento, disse o Anão, senhor do meu rival; mas conceder-lhe-hei a vida e a liberdade, comtanto que consintaes em desposar-me.

— Antes morrer mil vezes! exclamou o amoroso rei.

Immediatamente, apezar dos gritos e prantos de Toda-Bella, o Anão Amarello atravessou com a espada o coração do rei, que ficou estendido a seus pés. A princeza, não podendo sobreviver ao seu querido amante, deixou-se cahir sobre o corpo d'elle, e agonisou pouco depois, indo unir-se aquellas duas almas. Foi assim que morreram estes illustres infelizes, sem que a sereia lhes podesse valer, porque á força do seu encanto estava na espada de diamante.

O infamissimo Anão preferiu vêr a princeza morta, a vel-a nos braços d'um outro; e a Fada do deserto. sabendo d'esta aventura, destruiu o mausoleu que erigira, votando á memoria do Rei das minas d'ouro um odio tamanho como o amor que lhe dedicára em vida. A desvellada sereia, na desolação de tamanha desgraça, só pôde obter do destino que os dois principes fossem convertidos em palmeiras. Aquelles dois corpos tão perfeitos tornaram-se duas bellas arvores; conservando sempre um pelo outro o seu amor fidelissimo, acariciam-se entrelaçando os ramos e immortalisam o seu affecto pela sua terna união.

FIM DA HISTORIA DO ANÃO AMARELLO.

TYP. DE A. R. DA CRUZ COUTINHO — RUA DOS CALDEIREIROS, 28 E 30.